
Apresentação

Semiotica da música e da canção: perspectivas, contrapontos e texturas*

Lucas Takeo Shimoda**

Cleyton Vieira Fernandes***

O presente número da revista *Estudos Semióticos* se coloca a missão de preencher uma imperdoável lacuna no panorama semiótico nacional. Apesar do notável interesse suscitado pela canção e pela música, não havia notícia até então de um dossiê temático dedicado exclusivamente a esses objetos. Tal ausência se faz ainda mais notória em face da inegável posição de destaque da linguagem cancional na cultura brasileira.

Diante desse cenário, a tarefa de retratar um panorama da área se impõe como um desafio impossível de ser cumprido com a precisão de detalhes e a abrangência desejadas. A concretização desse projeto esbarra em algumas dificuldades de ordem meramente prática e em outras de ordem teórico-metodológica. De um lado, é difícil dar-se realmente por satisfeito com uma chamada de trabalhos que, inevitavelmente, não dá conta da profusão de estudos semióticos debruçados sobre a música e a canção. De outro lado, também não se pode ignorar o embaraço imposto pela tarefa de coligar dois universos discursivos tão vastos que, embora compartilhem da mesma materialização sonora, têm cada qual sua própria miríade de particularidades e desafios analíticos.

Isto posto, os trabalhos documentados neste dossiê conseguem, todavia, fazer um retrato consideravelmente rico e variado dessa vasta paisagem de investigação científica. Os artigos aqui publicados refletem uma diversidade de problemáticas e campos de análise que vão muito além da dicotomia entre

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.193611>.

** Docente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lucas.shimoda@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2358-1189>.

*** Professor da Universidade Federal do Cariri (UFCA), campus de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. E-mail: cleyton.fernandes@ufca.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7775-9723>.

música e canção. Ademais, o entrelaçamento de problemáticas teórico-metodológicas, epistemológicas e analíticas impede divisões estanques entre essas linguagens de manifestação. Nesse ponto, a vocação heurística da semiótica se mostra particularmente poderosa, rememorando as palavras de A. J. Greimas quando afirma que não há sentido pictórico, visual, musical, etc. Ao invés disso, o sentido é humano.

Por força de tal imbricamento, o presente dossiê não se articula em uma adjunção de música e canção. Ao contrário, apresenta os trabalhos congregados em torno de três grandes eixos norteadores: (i) teoria, epistemologia e metodologia; (ii) objetos e práxis; e (iii) fronteiras e novas propostas. No primeiro eixo, foram agrupados trabalhos que centram foco em questões que constituem o pano de fundo teórico e epistemológico das análises semióticas de textos cancionais e musicais. No segundo eixo, agrupam-se trabalhos que colocam em primeiro plano o modo de proceder analítico, aplicando e demonstrando maneiras diferentes de abordar e enxergar tais objetos. No terceiro eixo, foram agrupados trabalhos que, de alguma maneira, margeiam os limites do campo conforme estabelecido atualmente e buscam avançar propostas ainda não unânimes na área.

Consabidamente, a canção popular alcançou um patamar idiossincrático no cenário cultural brasileiro. Uma rica miríade de compositores e intérpretes deu voz aos anseios, desejos, angústias e alegrias que povoam indelevelmente o imaginário popular brasileiro. Não por acaso, a tradução brasileira do poema *Dzieci epoki* (“Filhos da época”), de autoria da Nobel de Literatura Wislawa Szymborska, trava nos seguintes versos um inegável diálogo com a pujante paisagem cancional brasileira — também ela política:

Até caminhando e cantando a canção
você dá passos políticos
sobre um solo político.

Os fios da canção que entremeiam essa trama discursiva estão, no tecido cultural brasileiro, muito longe de ser um arcano segredo de entrelinhas. Partindo dos ancestrais terreiros do samba ao rap da quebrada, passando pela canção de protesto, pela tropicália e pela bossa nova, a trajetória da canção popular brasileira veio a atingir novo pináculo nesse ano com a posse de Gilberto Gil na Academia Brasileira de Letras. Para além das polêmicas suscitadas, a eleição de um cancionista — para retomar o termo cunhado pelo semioticista Luiz Tatit — para um espaço eminentemente literário é sintoma inegável de como a canção tensiona campos estético-discursivos e impõe sua presença enquanto manifestação cultural e linguagem autônoma.

Uma das lições trazidas por este dossiê diz respeito à dificuldade de produzir conhecimento científico sobre a canção. Boa parte das reflexões acabam

orbitando em um domínio ensaístico que, a despeito de seu interesse e argúcia, não seguem os parâmetros metodológicos, teóricos e epistemológicos esperados para um trabalho científico. Nesse sentido, nunca é demasiado ressaltar a complexidade do desafio de se debruçar sobre a canção e analisá-la adequadamente com ferramental analítico apropriado sem descaracterizar o objeto nessa operação. Tal empreitada pode, todavia, trazer resultados recompensadores, como mostrarão os trabalhos aqui coligidos.

Outra constatação diz respeito ao espraiamento do escopo dos estudos semióticos sobre a canção. Para além da descrição e análise das estruturas rítmico-melódicas, no plano melódico, e seus respectivos enleamentos com configurações semânticas, narrativas, passionais e discursivas, no domínio verbal, os trabalhos logram também abordar a significação produzida por outros elementos, tais como performance, instrumentação, arranjo, gestualidade vocal, regravações, entre outros.

Convém destacar a importante contribuição deste dossiê para as pesquisas sobre a significação da música erudita e instrumental. De difícil definição e recorte, a denominada "música erudita" é um objeto de fronteiras borradas e de difícil delimitação.

Há muito, a pesquisa em música instrumental nas universidades brasileiras procura constituir campos que dialoguem com a significação musical. Tal significação pode ser, em um primeiro momento, questionada já a partir de conceitos como o de música absoluta e música programática. Tais propostas analíticas abordagem esbarram, todavia, em resistências, pois mesmo a música composta pelo artesanato puro dos parâmetros sonoros acaba por constituir uma significação na cena enunciativa em que se insere.

Para além de seu aspecto estrutural, onde encontramos sintagmas e paradigmas, oposições e dependências que nos dão a clara noção de uma linguagem hierarquicamente estruturada, convém destacar o campo particular do fazer e do fruir musical, com suas perspicácias e nuances próprias no fazer e do ouvir puramente estético e artístico. Tal linguagem insere-se, assim, no âmbito do sensível muito mais do que do inteligível, travando diálogo com uma linha cara à semiótica francesa.

Neste dossiê, encontraremos propostas de discussão metodológica, epistemológica e também da *práxis* musical. Verificaremos que o diálogo entre teorias da análise musical e da performance podem dialogar vivamente com o pensamento semiótico e constituir um campo de pesquisas de contribuição recíproca.

Abrindo o dossiê, o trabalho de Luiz Tatit intitulado "O ritmo que vem das sílabas" aborda questões de ordem teórica e epistemológica que sustentam toda sua produção intelectual sobre a canção. Trata-se, notadamente, da sílaba tensiva enquanto construto teórico organizador da assim chamada prosodização

do plano do conteúdo, inspirada em larga medida pelo pensamento de Ernst Cassirer. Por sua vez, tal prosodização decorre da introdução da grandeza da tonicidade no modelo. Respeitando o lastro propriamente linguístico da reflexão, Tatit mostra como esse desdobramento é possibilitado pela concepção saussuriana de sílaba.

Na sequência, o artigo “A semiótica da canção: letra, música e performance” assinado por Antônio Vicente Pietroforte se ocupa frontalmente da rica e diversificada paisagem da linguagem da canção, contemplando também outras manifestações estéticas menos frequentes na bibliografia da área. O autor discute o estatuto analítico do binômio letra-melodia, bem como dos aspectos ligados à performance, à instrumentação e propõe uma tipologia baseada em regimes de manifestação verbo-musical.

Centrando foco na canção enquanto palavra cantada, o artigo “Transcrição, notação e análise da palavra cantada”, de José Roberto do Carmo Jr., apresenta, em seguida, uma proposta inovadora de notação e quantificação do Plano da Expressão de textos cancionais. A partir de um debate sobre a metalinguagem da semiótica greimasiana, inegavelmente projetada para a descrição do Plano do Conteúdo, Carmo Jr. desenvolve os fundamentos glossemáticos para uma descrição autônoma do Plano da Expressão.

Em “A dicção do cancionista: percurso de um conceito”, o autor Zeno Queiroz faz um levantamento sobre a presença do metatermo “cancionista” na obra de Luiz Tatit, detectando em filigrana as vicissitudes e oscilações subreptícias no uso desse importante termo no conjunto do pensamento do semioticista brasileiro. Em face da importância dada pela semiótica discursiva a uma metalinguagem rigorosa e robusta, Queiroz revela como certas nuances terminológicas logram escapar pelas frestas de uma sólida estrutura conceitual onde “tudo se sustenta” (*tout se tient*).

Com o título “Tradução e intermedialidade na interpretação da canção de câmara”, o trabalho de Mônica Pedrosa de Pádua repensa, a partir de Nattiez e Peirce, a canção de câmara com base em suas relações intermediais, notadamente literárias e musicais. Para tal, a autora lança mão de categorias oriundas dos estudos tradutológicos para sistematizar o percurso que parte da composição até a performance e à apreciação estética.

Fechando a primeira seção, o artigo intitulado “O fazer do semioticista à luz de Luiz Tatit”, assinado por Carolina Lindenberg Lemos, traça uma interessante reflexão sobre a identidade teórica e analítica de Luiz Tatit a partir da polissemia do verbo “fazer”, mostrando como esse semioticista realiza um duplo movimento de analisar objetos e construir teoria a um só tempo. A autora mostra ainda como essa ambivalência borra limites e exerce, na prática, certa lógica de misturas, fazendo referência aos regimes propostos por Claude Zilberberg.

Abrindo a seção “Objetos e práxis”, o artigo “Estados de alma, efeitos tensivos e modos de compatibilização entre melodia e letra em três canções de Chico Buarque” examina como os regimes de compatibilização entre letra e melodia cunhados por Luiz Tatit (tematização, passionalização e figurativização) podem atuar em âmbito local e global, complementando-se e ajustando-se mutuamente. Tal dinâmica é demonstrada pelos autores José Américo Bezerra Saraiva e Ricardo Leite por meio da análise minuciosa de três canções de Chico Buarque: “Com açúcar, com afeto”, “Cotidiano” e “Sem açúcar”.

Na sequência, o artigo “A polissensorialidade sinestésica como fiador da relação enunciativa: análise semiótica do fazer-sentir em ‘Tropicana’”, de Paulo Jefferson Pereira Barreto, esmiuça o componente verbal da canção “Tropicana”. Esquadrinhando os entrelaçamentos figurativos e temáticos criadores do efeito de sinestesia, o autor mostra como o fazer-sentir emerge como efeito de sentido discursivo a partir do texto-enunciado.

O componente sensível dos textos cancionais também é abordado, pela perspectiva do pensamento zumthoriano, pelo artigo “Piafiando: a performance de ‘Je ne regrette rien’ em algumas versões nômades pela voz de cantores brasileiros”, de Nancy Alves e Heloísa Duarte Valente. Nele, as autoras apresentam uma análise vertical da canção “Je ne regrette rien”, de Edith Piaf, partindo do percurso gerativo do sentido greimasiano na letra da canção, passando pelos elos de compatibilidade entre letra e melodia e desembocando na manifestação pela performance de diferentes intérpretes brasileiros.

Por sua vez, o artigo “O *ethos* discursivo na moda de viola ‘Milagre da vela’” assinado por Anderson Ferreira e Cristiane da Silva Ferreira entabula um interessante diálogo interdisciplinar entre a Semiótica da Canção e a Análise do Discurso encabeçada por Dominique Maingueneau para analisar o *ethos* constituído em uma importante peça do cancioneiro popular tradicional brasileiro. Com um olhar atento tanto ao componente melódico quanto verbal, a análise revela elementos constitutivos do *ethos* do sujeito da enunciação, tais como a corporalidade místico-religiosa, o apego aos valores da cultura caipira e a conservação de valores patriarcais conservadores.

Em “As transposições parodísticas e estilística nas regravações de canções brega”, os autores Vinícius Façanha e Artur da Silva se debruçam sobre a questão da ressemantização de canções do repertório brega quando regravadas por intérpretes de outros estilos, lançando mão, para tal, do aporte teórico da Semiótica Discursiva sobre intertextualidade e interdiscursividade, bem como das ferramentas analíticas da Semiótica da Canção. O exame comparativo de duas gravações diferentes da mesma canção demonstra, na prática, uma abordagem metodológica frutífera para examinar não apenas o comportamento linguístico-melódico da canção, mas também outros aspectos relacionados à interpretação, ao (re)arranjo, à performance etc.

Como se executasse um experimento colocando espelhos frente-a-frente, o artigo “Luiz Tatit: arte e teoria” de Marisa Yamashiro aplica o ferramental analítico de Tatit-semioticista para analisar um exemplar da produção artística do Tatit-cancionista. Recuperando também o pano de fundo teórico de Claude Zilberberg, a autora mostra como se entrelaçam os fios artísticos e científicos de Luiz Tatit na constituição da canção enquanto campo e objeto semióticos singulares.

Fechando essa segunda seção dedicada à análise de objetos, o artigo “Band in a Girl: Devir-mulher nas timbragens do rock independente brasileiro” volta suas lentes para um tema ainda por ser mais bem explorado. Assinado por Marcelo Bergamin Conter, Juliana Henriques Kolmar, Ingrid Cristina Pontes Luz e Gabriel Fagundes Gularte, o trabalho argumenta como a timbragem empregada no rock brasileiro independente passa por uma ressemantização, rompendo com normas sociais relacionadas a papéis de gênero. Ancorando-se no referencial teórico de Deleuze e Guattari, o artigo discute e tematiza como se estabelecem relações discursivas entre, de um lado, a sonoridade dos instrumentos e dos ruídos empregados frequentemente nesse estilo e, de outro lado, relações de gênero que permeiam essa prática discursiva.

Abrindo a terceira seção, Ricardo Nogueira de Castro Monteiro nos apresenta um instigante artigo que coloca em diálogo a teoria analítica de Schenker e o percurso gerativo do sentido de Greimas. “O gerativismo musical de Schenker e suas aplicações na análise da canção: homologias entre estruturas musicais superficiais, intermediárias e profundas e categorias do conteúdo em ‘Trocando em Miúdos’, de Francis Hime e Chico Buarque de Holanda” dialoga com autores de grande envergadura na pesquisa em semiótica musical. O autor traz à baila Agawu, Hatten e Tarasti, em uma extensa e profunda reflexão dialógica, apresentando-nos um artigo que, desde já, pode ser considerado referência para os pesquisadores em semiótica e música.

Em “Linguagem, língua e escrita musical: sobre a pertinência de uma semiótica não verbal” um ponto fundamental da discussão em semiótica musical é trazido à tona por Cleyton Vieira Fernandes. O estatuto da linguagem musical e sua relação de similaridade com a linguagem verbal é discutido de forma pormenorizada aproximando, inclusive, elementos de fala e escrita de ambas as linguagens. Segundo o autor, a legitimação da música enquanto linguagem é parte fundamental das pesquisas em semiótica musical e, para tal, nos é proposto um texto que esclarece aparentes incongruências teóricas e lança um olhar de base para o pensamento analítico.

Em seguida, Caio Menezes de Carvalho nos apresenta “O inesperado na espera esperada: relações entre música, escapatória, fratura e cinema a partir da semiótica greimasiana”. Tendo por base o pensamento greimasiano em *Da imperfeição*, texto fundamental do semioticista que abriu as fronteiras do sensível à semiótica francesa, o autor nos apresenta um diálogo sincrético, incorporando a linguagem

cinematográfica e a música em sua constituição, ampliando a fronteira do pensamento da pesquisa tanto em música quanto em semiótica.

Uma importante reflexão para o campo da educação se dá em “Reflexões sobre o espaço da canção nos documentos parametrizadores nacionais para o Ensino Fundamental”. Os autores Tayná Miranda de Andrade, Marcos Antonio Rocha Baltar e Laura Miranda de Castro demonstram que é possível contribuir para a reflexão dos profissionais da grande área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, em particular os de Letras que trabalham a canção na escola por meio da pesquisa em semiótica. Segundo os autores, um dos objetivos do artigo é fomentar a existência de novas pesquisas, possivelmente interdisciplinares, sobre a canção como objeto de conhecimento.

Na sequência, Caio Victor de Oliveira Lemos nos apresenta “Performance musical enquanto objeto de pesquisa”. Se, até o momento, a música instrumental tem sido discutida neste dossiê no âmbito de sua significação estrutural, o autor nos traz uma inovadora perspectiva que discute a cena enunciativa da produção da música instrumental, mais precisamente a música de concerto, e nos mostra como a gestualidade e os modos de presença constituem tensivamente a relação entre enunciador e enunciatário, compondo um modelo que prevê constância mas mostra-se apto a abrigar as movências próprias do ato performático.

Finalizando a seção, Matheus Henrique Mafra discute em “Uma abordagem semiótica de álbuns: homogeneidade e heterogeneidade em *Canções praiaras e Tropicália ou panis et circencis*” o estatuto semiótico dos álbuns de canções. Ao cotejar dois álbuns fundamentais da canção brasileira, o autor discute os conceitos de alteridade e homogeneidade, bem como a constituição de um objeto outro de significação que engloba elementos que ora reforçam, ora alternam efeitos de sentido, constituindo um objeto-conceito.

Por fim, o dossiê temático “Semiótica, Música e Canção” mostrou-nos quão diverso e profundo pode ser a pesquisa em música e canção sob a perspectiva semiótica. Ademais, mostrou-nos também o quão vastos são os territórios ainda a ser conquistados nesse domínio de pesquisa. Ao longo desses cinquenta anos de pesquisa sobre semiótica e música no Brasil, o regime regente da produção científica mostra-se muito mais o da mistura do que o da triagem. Contemplar esses múltiplos pontos de vista foi tarefa deste dossiê.

Desde já agradecemos aos inúmeros pareceristas que se debruçaram sobre objetos de difícil recorte para que pudéssemos apresentar uma abrangência de visões de pesquisa semiótica sem que perdêssemos a profundidade necessária para o avanço científico. Agradecemos também ao industrioso trabalho de toda a equipe editorial, cujo empenho e rigor técnico garante à comunidade científica o acesso a um material de alta qualidade. Por fim, deixamos aqui nossos votos de que o presente número proporcione boas leituras, reflexões instigantes e que amplie o interesse da comunidade científica nos objetos apresentados. ●

 **Semiotics of music and song: perspectives, counterpoints, and textures**

 SHIMODA, Lucas Takeo

 FERNANDES, Cleyton Vieira

Como citar este artigo

SHIMODA, Lukas Takeo; FERNANDES, Cleyton Vieira. Semiótica da música e da canção: perspectivas, contrapontos e texturas. *Estudos Semióticos* [online], volume 17, número 3. Dossiê temático: “Semiótica, Música e Canção”. São Paulo, dezembro de 2021, p. i-vii. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SHIMODA, Lukas Takeo; FERNANDES, Cleyton Vieira. Semiótica da música e da canção: perspectivas, contrapontos e texturas. *Estudos Semióticos* [online], vol. 17.3. Thematic issue: “Semiotics, Music, and Song”. São Paulo, december 2021, p. i-vii. Retrieved from: www.revistas.usp.br/esse. Accessed: month/day/year.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

